

LIMIARES RURAIS NOS PROCESSOS DE IN(TER)VENÇÃO DA PSICOLOGIA: NARRANDO LAGOA BONITA DO SUL

José Ricardo Kreutz¹

RESUMO

Esta narrativa é uma reorganização de uma palestra proferida em 24 de outubro de 2013 por ocasião da III Jornada de Psicologia – Psicologia no Espaço Público: Desafios e Possibilidades, em Volta Redonda/RJ, no Campus Aterrado da UFF – Universidade Federal Fluminense. Agora, em 2016, o texto apresenta a narrativa de uma experiência de construção de um serviço de psicologia em um município do interior do Rio Grande do Sul chamado Lagoa Bonita do Sul realizado entre 2003 e 2007. Esta narrativa compõe estudos preliminares de uma problemática de pesquisa sobre limiares que está sendo desenvolvida no grupo de pesquisa TELURICA – Territórios de Experimentação em Limiares Urbanos e Rurais: In(ter)venções em Coexistências Autorais.

Palavras chave: *psicologia, pensamento, in(ter)venção, limiar, interior, território.*

¹ Professor do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

RURAL THRESHOLDS IN THE PROCESSES OF IN(TER)VENTION OF PSYCHOLOGY: NARRATING LAGOA BONITA DO SUL

ABSTRACT

This paper is a reorganization of a conference presented in 10/24/2013 at Universidade Federal Fluminense, Campus Aterrado, Volta Redonda, Brasil. The text presents a narrative of an experience of founding a psychological service in Lagoa Bonita do Sul, a city in the interior of Rio Grande do Sul between 2003 and 2007. This narrative makes up preliminary studies of a research about thresholds developed at research group TELURICA – Territórios de Experimentação em Limiares Urbanos e Rurais: In(ter)venções em Coexistências Autorais.

Keywords: *psychology, thought, in(ter)venção, threshold, interior, territory.*

1 INTRODUÇÃO

A narrativa que ora proponho tem a finalidade de animar a colocação de um problema em saúde e viabilizar que o eu-autor dê voz e visão aos múltiplos protagonistas da experimentação vivida ao longo do início da minha carreira profissional. Estas muitas vidas se enunciam aqui como versões ou tendências do acontecimento e interpretações dos outros que me transformaram, mas que adquirem um protagonismo que por horas desfoca o autor em função da polifonia do texto. Com isso adquirem vida própria ao longo do texto. Nesse sentido, não se trata de um passado narrado, mas de uma duração que Bergson (1971) nomina como um inclinar-se do passado sobre o passado que rói o futuro e prossegue sem tréguas.

Também espero sinceramente que essa discussão afete os leitores sobre a vigorosa ferramenta de trabalho do psicólogo que é o uso do diário além de outras estratégias de registro das experimentações que ocorrem nas práticas cotidianas do trabalho psi que costumamos deixar sob a responsabilidade do fluxo da precariedade da memória. Tais anotações intensivas que se corporificam em registro da vida do que passou ficaria no passado passando caso não tomássemos esta atitude que para além de metodológica é ético-estética e política. Afirmo, portanto, que se não fossem os registros em diário da minha prática profissional em início de carreira, este estudo em muito perderia o seu vigor problemático.

Esta narrativa é também o resultado das discussões teóricas iniciais do grupo TELURICA – Territórios de Experimentação em Limiares Urbanos e Rurais: In(ter)venções em coexistências autorias – certificado pela UFPel (Universidade Federal de Pelotas) e registrado no diretório de grupos do CNPq. Estes estudos iniciais têm fomentado os pensares do projeto de pesquisa “Problematizações Limiares Psicossociais no Ensino, Pesquisa e Extensão da Psicologia e áreas afins na UFPel” que será desenvolvido entre agosto de 2016 e agosto de 2018.

2 TERRITORIALIZANDO NO INTERIOR: UMA IMAGEM QUE COMEÇA EM ALECRIM E POUSA EM LAGOA BONITA DO SUL

Sempre gostei de mato e de água. Nasci numa cidade chamada Alecrim, na fronteira do RS com a Província de Misiones, Argentina, numa geografia que na linguagem gauchesca definimos como a “barranca do rio Uruguai”, pois o município tem no rio

Uruguai uma influência muito forte. Outra influência da cidade se deve ao fato de ser de colonização alemã, tendo surgido quando as colônias da região de São Leopoldo e Novo Hamburgo se tornaram muito pequenas para os filhos dos imigrantes. A “alemoada” da segunda geração de imigrantes foi subindo a serra geral e foram abrindo as matas do planalto central até a região missioneira do RS: só pararam de derrubar a mata quando chegaram ao rio. É interessante olhar no Google Earth a diferença nos tons de verde da floresta nos dois lados do rio: constatamos que a Argentina tem muito mais verde do que o RS o que nos faz constatar que o desmatamento de florestas foi muito intensa no período de colonização da chamada “colônia nova” no Rio Grande do Sul. O rio Uruguai sempre me fascinou assim como o clima subtropical do planalto e as florestas úmidas e quentes de verões curtos e “mormacentos” que, em Alecrim, me presentearam com seu verde e com seu calor por oito vezes. Na época em que lá vivi, o município tinha em torno de 15 mil habitantes. Em 1991, segundo o IBGE, tinha 10.379 habitantes. Hoje em dia tem em 7.045 habitantes sendo a maioria aposentados e idosos. A “gurizada” jovem migrou. A pirâmide etária nos mostra uma cidade que envelhece vertiginosamente.

Antes desse êxodo rural que retirou a população das lavouras de subsistência no interior e conduziu um grande contingente para as fábricas de calçado em Novo Hamburgo, no início dos anos 80, meu pai foi fazer mestrado numa cidade universitária, ferroviária e militar de aproximadamente 250 mil habitantes no centro do Rio Grande do Sul: Santa Maria. Lá eu fui obrigado a substituir o carrinho de lomba dos poteiros pelo skate no asfalto. Meu primeiro filme no cinema foi “E.T. – O Extraterrestre” de Steven Spielberg: foi exatamente como me senti em Santa Maria no início do meu nono verão. Minha mãe perdera sua linda horta e sua roça de mandioca que cultivávamos em Alecrim e, assim como eu, ficamos doentes nos primeiros meses que moramos em Santa Maria. O tempo foi passando e essa cidade me capturou numa subjetividade cidade, padaria, luzes, trânsito, neon, rock'n roll. Na adolescência descobri os morros no interior de Santa Maria e o mato e as águas novamente reentraram na minha vida desta vez não mais com a terra vermelha e grudenta de Alecrim, mas sim com a terra preta e arenosa dos vales e morros de Santa Maria: o limiar rural-urbano sempre reverberando em mim. Com 20 anos estava em Porto Alegre onde morei por sete anos, tempo em que eu fiz faculdade e mestrado. Depois do mestrado fui arrebatado pela pergunta de um mestre psicólogo desempregado: o que fazer? Os concursos para psicólogo na região metropolitana de Porto Alegre, que vinha fazendo desde o ano 2000, chegavam a ter três mil candidatos para duas vagas. E quando a vida fica assim desnudada na nossa frente eu costumo pensar em um dito popular que diz o seguinte:

“quando a água bate na bunda a gente aprende a nadar”. Esse ditado remete às enchentes do rio Uruguai e à população ribeirinha. Com isso, aquele meu “faro” para mato e água, esta experimentação limiar, enfim, constituem condições para eu inventar os termos para um problema. Problema esse que, pelas narrativas anteriores, demonstram que se trata de um afeto que entra diretamente pela “boca do estômago” e se espalha pelo resto do corpo: como um soco. Na época eu pensava de forma rasa o seguinte: e se eu resolvesse me tornar um psicólogo rural²? Quais os limiares rurais-urbanos de uma possível in(ter)venção psi nesse território?

O desafio hoje é dar a esse “soco no estômago” um tom acadêmico investido de conceitos. Será que conseguirei? Como traduzir um soco no estômago de outrora? Os problemas de pesquisa doem como socos e, talvez, como ondas doloríferas³ às quais Deleuze e Guattari se referem no texto “Como construir para si um Corpo sem Órgãos”. Remetendo àquela época em que trabalhei no interior e fazendo o pensamento operar no dia de hoje, penso: (1) o desassossego descrito não se configura como um falso problema ou um problema inexistente, pois esses socos são sim passíveis de problematização no maior rigor proposto em Bergsonismo por Deleuze⁴ (2) o que aconteceu na época é que não se haviam criado as condições para dar termo ao problema, pois as matérias de expressão só desaceleravam nas palavras registradas no diário; (3) É a atualização deste texto nas suas distintas versões que nos parece criar condições para dar termo ao problema. Ainda assim me pergunto: Como trazer para a frieza da palavra escrita uma avalanche de afetos perceptos e functivos⁵? Devo aqui fazer uma deferência à Profa. Dra. Tatiana Raminger (*in memoriam*)

²Esse termo foi cunhado num e-mail que eu escrevi na época para o Prof. Eduardo Passos numa espécie de catarse sobre esta escolha de vida. Eu havia terminado de defender a minha dissertação de mestrado sendo que a participação de Eduardo na minha banca acerca das da minha produção ainda reverberavam. Infelizmente não tenho mais o texto do e-mail.

³ É possível que o conceito de *onda dolorífera*, que é o objetivo de um programa de experimentação sadomasoquista, seja um dos exemplos mais polêmicos que Deleuze e Guattari (1996) apresentam para falar sobre a construção de um CsO. Para compreender essa provocação obscena, pode ser esclarecedor pensarmos que essa onda é um tipo de intensidade, e que “é falso dizer que o masoquista busca a dor, mas não é menos falso dizer que o masoquista busca o prazer de uma forma particularmente suspensiva ou desviada. Ele busca um CsO, mas de tal tipo que ele só poderá ser preenchido, percorrido pela dor, em virtude das próprias condições em que foi constituído” (p.12). Com isso se impõe que o corpo seja desconjuntado e que os órgãos mudem de função. Um corpo onde os olhos falam e a língua emudece, por exemplo.

⁴ Na discussão apresentada por DELEUZE (1999, pp. 7-26) os falsos problemas são de dois tipos: “problemas inexistentes” que assim se definem porque seus próprios termos implicam uma confusão entre “mais” e “menos”; “problemas mal colocados”, que assim se definem porque seus termos representam mistos mal analisados.

⁵ *In* DELEUZE&GUATTARI. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

por ter me convidado para a III Jornada de Psicologia da UFF/Volta Redonda, pois não fosse esse convite talvez a criação deste problema ainda poderia estar oculto nas minhas cadernetas de anotações.

A partir de agora estamos jogados no abismo e precisamos dar a ver e falar o que acontece na queda. Talvez esta queda não traduza exatamente o soco no estômago, mas sim um frio no estômago. Para isso os blocos de perceptos, afectos e functivos desta experimentação, serão extraídos de alguns lugares: (1º) um diário produzido no ano de 2003; (2º) dois arquivos digitais de projetos desenvolvidos durante meu primeiro ano de trabalho no interior, os quais guardam vestígios de intensas lutas travadas naquele período e (3º) há ainda uma espécie de prontuário que eu produzi no período entre 2003 e 2006 que guardam informações sobre um AT (acompanhamento terapêutico) feito a uma família. Esse prontuário guarda “pérolas” muito ricas para pensarmos em uma clínica rural. Por fim lançarei mão dos conceitos e functivos da filosofia e da ciência para amarrar ou desamarrar minhas linhas de argumentos o que permitirá transformar a frieza das palavras em pensamentos acalorados.

O cheiro do mato e o barulho da água me levaram de volta para o interior. Em 2003 fiz um concurso público em Lagoa Bonita do Sul no qual tomei posse no dia 2 de maio daquele mesmo ano. Logo em seguida, saí da capital e passei a morar na cidade de Salto do Jacuí, localizado no centro-norte do estado do RS, a 65 km de distância do município onde eu realizara meu concurso, cidade esta que faz parte do centro-serra do RS.

Sobre a onda dolorífera geográfica, impõe-se uma experimentação radical com as distâncias quando se está no interior. Independente de onde escolhemos morar, a sensação que se tem é que a gente sofre de lonjuras⁶.

Lonjuras e poeira. Estrada de terra. Nenhum semáforo. Uma cidade com ares de aldeia. Antes mesmo da minha nomeação em dois de maio de 2003, fui convidado a ir a uma festa na comunidade de Lagoa Bonita do Sul. Nesse dia eu escrevi o seguinte:

24/04/2003 11h.
(...) Dia 21 de abril, final de feriadão, fui pela segunda vez para Lagoa Bonita do Sul. A primeira vez havia sido no dia do concurso. (...) eu fora numa festa

⁶ "O médico perguntou:

– O que sentes?

E eu respondi:

– Sinto lonjuras, doutor. Sofro de distâncias!"

[Caio Fernando Abreu]

oferecida ao grupo de 3ª idade intitulado “Vale a pena viver”. Segundo o relato de um idoso “o prefeito cumpriu o que prometera: uma festa que durasse o dia inteiro, com missa, café da manhã, almoço e baile com bandinha” (sic). (...) finalizo este primeiro relato afirmando o meu desafio através de uma metáfora [inferida a partir] da bandinha na festa dos idosos: o ritmo e a forma do meu trabalho tentará mimetizar o ritmo da plantadeira de milho que era [criativamente] utilizada [pela bandinha] como percussão. Eu vou ser mais ou menos este misto que a plantadeira sugere numa banda de música. Nem sempre um psicólogo serve apenas para psicologizar assim como a plantadeira não serve apenas para plantar.

A geografia política não diferia muito disso: como o município tivera a posse do seu primeiro prefeito em 1º de janeiro de 2001 a sede administrativa da prefeitura funcionava no salão paroquial (e até hoje ainda não tem sede própria). Possui sete secretarias, 93 funcionários efetivos. Em 2003 a população deveria ter em torno de 2.600 habitantes, em 2013, 2.795 habitantes segundo o IBGE. A receita em 2013 foi de R\$ 6.652.244,29. O número de docentes nas escolas municipais com a estadual era de 62 professores sendo apenas três com formação específica para EMEIs (Escola Municipal de Educação Infantil). A rede escolar é formada por seis escolas de ensino fundamental, todas localizadas fora da sede do município. Referimos o termo “sede” para a cidade propriamente dita, pois é o jeito que os moradores enunciam a maior concentração urbana. Tem também duas EMEIS e uma Escola Estadual de Ensino fundamental e Médio localizado na sede. O número total de alunos matriculados na rede é de 567 alunos. Ressalto que estes dados foram extraídos do IBGE em 2013.

Poderia discorrer mais sobre dados do IBGE, mas a intenção aqui é mostrar um rosto⁷ ou os nós da arborecência do município de Lagoa Bonita do Sul. Um pequeno e condensado nó que de tão pequeno parece muito duro. A dureza de um nó novo difícil de ser desatado. Como atravessar a rostidade em direção a uma paisagem? A minha primeira tentativa foi em direção a uma utopia do novo:

24/04/2003 11h

(...) Achei interessante a quantidade de funcionários jovens trabalhando na prefeitura. Eram todos da minha idade ou menos. Isso me fez **cair na real** [grifo meu] em dois aspectos: (1) que estou ficando velho; (2) que quando eu construía uma imagem de funcionário público, imaginava (...) arquivos, formulários, gente chata e incomodativa [e velha]. Acho que a vantagem que se tem de trabalhar num município novo é a possibilidade de se começar algo.

Essa utopia tem uma marca moralista e preconceituosa ancorada na crença idealizada. Ao contrário de “cair na real” este sentimento construiu em mim uma escada direta para os céus da transcendência, distanciando o meu pensamento daquela experiência

⁷ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1996, p. 58)

do serviço público. Mas nossas escolhas muitas vezes são sustentadas por alguns engodos armados por nós mesmos para que consigamos dar o passo seguinte. Nem os céus da transcendência nem as brumas da essência diriam Deleuze e Parnet (DELEUZE e PARNET, 1998 p.11-12). Com este moralismo do novo me habitando, sem conseguir deixar o pensamento se constranger como é suposto na sequência dessa análise, capturado pela imagem de pensamento onde *concordia facultatum* em pleno *cogitatio natura universalis*, fiz alienadamente uma opção pelo novo⁸. Não só Lagoa Bonita do Sul, mas a experiência de UFPel rostificam em mim um entendimento de instituições públicas municipais e federais que me fazem pensar que de fato é possível começar algo novo no serviço público. Sendo moral ou não, não tive outra opção senão começar algo em Lagoa Bonita do Sul no que diz respeito a um serviço de psicologia que não existia lá. Inventar é dar a ser o que não era sem nunca ter sido: outra utopia? Para isso um primeiro gérmen de ideia me foi sussurrado não pelo cheiro do mato e nem pelo frescor da água, mas sim pela poeira da estrada. A poeira me sussurrava: “o serviço não pode ficar circunscrito ao município, pegue a estrada e ande por todas as geografias: cartografe ética, estética e política”. A psicologia foi convidada a ir para a estrada e empoeirar-se da região centro-serra. Às vezes o pior dos rizomas encontra-se numa linha reta. Na linha reta da beira da estrada, vários outros municípios fizeram uma composição do rizoma: Lagoa Bonita do Sul, Passa Sete, Sobradinho, Ibarama, Segredo, Arroio do Tigre, Estrela Velha e Salto do Jacuí. Psicólogos de todos os tipos para todas as cores e jeitos, encontraram-se para pensar os serviços e redes possíveis. Não estava mais só. Talvez nesse momento eu já tivesse superado a idealização e, de forma prudente, tensionado a proveniência dos fluxos de sentido que formam este rosto chamado Lagoa Bonita do Sul. Como livrar-me do bombardeio de dizeres dobrados em indivíduos tais como: “o prefeito prometeu”; “o secretário vai dar”; “o doutor resolve com um remédio”; “tava no mercado fazendo rancho e aproveitei para passar aqui no posto e consultar”; “não vou consultar com o psicólogo, pois ele lê a mente das pessoas”? Será que o *aparelho de estado* tem idade? E o moralismo do novo aos poucos foi se desconstruindo, percebendo a complexidade de durações ancestrais e atuais nesse processo de tempo.

⁸ Deleuze (1996) apresenta uma imagem que nos faz operar em uma natureza cognitiva divergente ao modelo dogmático do pensamento onde as faculdades concordam com o objeto. Em linhas gerais a discussão do pensar não dogmático sugere que pensemos por constrangimento e forcemos nossas faculdades (juízo, memória, percepção) a problematizarem o objeto e não simplesmente sermos atropelados pelos sentidos hegemônicos de significados dos objetos. Invoco na minha narrativa a imagem dogmática para dizer: fui alienado ao objeto do novo, minhas faculdades não se constrangeram. Essa espécie de auto-crítica do jeito hegemônico de pensar faz parte da implicação com o fenômeno narrado.

Sobre a onda dolorífera da estrutura de um serviço de psicologia em Lagoa Bonita do Sul, tenho algumas lembranças que a memória agora dá corpo e outras anotações no meu diário e nos meus arquivos digitais que outrora serviram como projetos; hoje funcionam como arquivos de pesquisa viva.

Lembro bem da sala onde comecei a trabalhar. Era no salão paroquial, sede provisória da prefeitura. Eu dividia a sala com a primeira dama que também ocupava o cargo de secretária na *Secretaria de Educação e Desenvolvimento Humano*. Tratava-se de uma secretaria mix de educação cultura, desportos e saúde. Essa mesma sala também pertencia à assistente social e à supervisora pedagógica das escolas municipais. Enfim a cena que vou explorar funcionou como uma espécie de estopim de uma explosão de invenção de um tipo de psicologia que fizesse resistência⁹ à fábrica de interiores que se via: por algum motivo que eu não sei explicar a não ser pelo argumento muito bem estruturado por Baptista¹⁰, a gente acaba sempre sendo fisgado pelo calcanhar de Aquiles pelas forças instituídas dessa dobra chamada *Psicologia* e sua racionalidade técnica historicamente construída. No dia três, quatro e cinco de maio de 2003, uma fila de pessoas apareceu no saguão da prefeitura para pedir atendimento com o psicólogo. A seguir uma nota do diário cheia de indignação:

05/05/2003 20h e 50min

(...) através de que manifestações eu tenho visibilidade/legitimidade para afirmar sobre a obscuridade do lugar da psicologia na prefeitura de Lagoa Bonita do Sul? O espaço físico destinado à psicologia nas dependências da prefeitura [é um absurdo]: A minha sala é dividida com a assistência social. O local de atender paciente é um local extremamente público (...) sem privacidade nenhuma. Arquivos clínicos de pacientes tratados anteriormente [por uma psicóloga contratada por RPA] se misturavam com projeto de idosos e com os projetos do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Quando eu tenho que pedir licença para um funcionário sair da sala para poder atender, imagina a fantasia que se cria em toda a equipe de funcionários? Fora os outros cidadãos lagobonitenses que procuram os serviços da prefeitura por outros motivos. No mínimo se pensa que algo de “segredo” está sendo falado naquele espaço que é público e que precisa ser desocupado por alguns momentos. Cria-se com isso uma mobilização desnecessária na equipe e nas outras pessoas. Decorrente disso os funcionários vem ao meu encontro para perguntar se o psicólogo cuida mesmo dos loucos. Também o motorista que me levou para um atendimento domiciliar me pergunta no pé do ouvido: “é a véia ou o véio que estão estressados?”.

Se Bergson estivesse vivo certamente ele iria nos dizer que na duração destes primeiros dias de trabalho na Lagoa Bonita do sul, um passado inteiro de fábrica de

⁹ Em Kreutz (2009, p. 94 e 95) há um esforço argumentativo intenso no sentido de diferenciar teoricamente a reação mecânica de um processo de resistência.

¹⁰Baptista (1999, p.34)

interiores se condensaria naquele presente¹¹. Foi talvez o dispositivo analisador mais violento e arrebatador que se apresentou em pé na minha frente desde que eu havia me formado em Psicologia. O poder público, corresponsável, legitimava com isso cada vez mais a tecnologia de produção de indivíduos e seus íntimos segredos que só poderiam ser desvelados pelo racionalismo técnico do psicólogo. O fato é que alguma coisa tinha que ser feita. Embriagado pelo caos e sem termos para este raciocínio, na época só pensava o seguinte: “se a coisa continuar desse jeito rapidinho as minhas 20h semanais vão ser insuficientes para atender tanto paciente!” Naquele momento eu decidi que eu destinaria 5h por semana ao atendimento de pacientes. E isso não deveria acontecer mais na prefeitura e sim na unidade básica. Essa ideia demoraria meses para se efetivar, mas de fato aconteceu. Ainda no meu exame admissional em conversa com a médica do município se compõe um gérmen de ideia em relação à atenção básica e saúde preventiva, levantamentos epidemiológicos sobre a saúde de LBS, o funcionamento do Programa de Agentes Comunitários de Saúde. Esse gérmen endossaria a importância de um serviço de psicologia clínica articulado com a UBS e com a saúde pública regional.

No meio desse caos/misto indiferenciado de demandas, também entraram na fatídica fila da prefeitura crianças com problemas de aprendizagem e um professor de escola municipal trazendo alunos “indisciplinados”. Em resposta, marquei um horário para ir conhecer a escola de onde provinham estas demandas para que pudéssemos problematizá-las no contexto da escola.

Um dia depois da indignação e arrebatamento, foi proposto e aprovado junto à Secretaria de Educação e Desenvolvimento Humano um serviço de psicologia estruturado a partir dos seguintes termos extraídos de arquivo digital:

Histórico do arquivo: Criado em 06/05/2003 as 09h e 16min

Salvo em 06/05/2003 às 16h e 07min

Prática em Psicologia Clínica. Essa prática se presta muito bem dentro do contexto da saúde pública, onde saúde mental entra no fluxo de atendimento da atenção básica, pela porta de entrada que é o posto de saúde [unidade básica]. Nesse caso, vejo muito sentido em encaminhar à psicoterapia as demandas constatadas nos outros serviços de saúde, tais como serviços médicos, odontológicos, etc. [agentes de saúde]. Também se a comunidade sente necessidade espontaneamente de tratamento psicológico, ou de encaminhar algum amigo e/ou familiar, a noção de saúde mental fica mais facilmente compreendida dentro do contexto da saúde pública. Nesse eixo clínico se inclui também o AT de pacientes psiquiátricos agudos (...).

Prática de Assessoria Psicológica em Instituições. Essa prática pode ser ilustrada a partir do relato da escola visitada. Há uma demanda cada vez maior de trabalharmos os problemas de aprendizado de forma relacional, ou seja, nunca há

¹¹ “A duração é o progresso contínuo do passado que rói o futuro e incha avançando. Visto que o passado incessantemente cresce, também se conserva indefinidamente.” (BERGSON, 1971, p.44)

uma única via no processo de aquisição do conhecimento. Há responsabilidades e implicações de vários atores que são importantes a serem consideradas quando se apresentam os problemas de aprendizagem, ou seja, há implicação do aluno, professor, direção, pais e comunidade cada um com sua medida. Nesse sentido a psicologia serve como uma ferramenta de assessoria que pode interferir em todas estas variáveis que compõem o processo ensino-aprendizagem compreendendo-o de forma sistêmica.

Prática Assistencial e Psicologia. Essa prática se dá na medida em que os conhecimentos psicológicos se prestam para auxiliar nos projetos assistenciais existentes, buscando estimular de forma constante a autonomia e a autogestão dos grupos trabalhados. Há um privilégio, na intervenção, no sentido de dar visibilidade aos processos criativos e as estratégias de invenção produzidas nos grupos assistidos [me referia aqui ao PETI, grupo de idosos e grupo de PPDs].

Com isso a “verga¹² estava aberta, a semente híbrida estava plantada. Iria demorar alguns meses para germinar, mas imaginava que com esta paisagem resistindo ao produto muito bem acabado produzido pela fábrica de interiores, seria possível esmiuçar traços de rostidade naquilo que entra em choque com determinadas aparelhos de poder e seu respectivo processo de formalização de palavras de ordem que se apresentavam naturalizadas e transmitidas sem nenhuma espécie de ruído ou resistência até aquele momento. Com o serviço criado, havia se criado também algumas condições para pensar a clínica. E são os vestígios dessas lutas que iremos recolher a partir de agora.

Sobre a onda dolorífera da clínica, podemos pensar que se apresente aí, talvez, um novo caso de solução para a problemática da psicologia no interior/rural apresentado no início desta conversa. Para pensar sobre ela se faz necessário pensar a IN(TER)VENÇÃO¹³. Segue agora uma parte da discussão desse conceito já modificado e atualizado o qual foi trabalhado extensamente e intensamente na minha dissertação de mestrado:

Invoco Nietzsche para pensar a dança das linhas de in(ter)venção. Psicologia e contexto que até agora eram hegemonicamente compreendidas como *principium individuationes* e linhas molares, agora agem sem plateia, sem ordem explicadora¹⁴. Nas

¹² Verga é u termo utilizado para definir o corte deixado ao arar a terra. Uma espécie de vala de terra revolvida com a finalidade de descompactar a terra e torná-la mais propícia ao plantio.

¹³A idéia de in(ter)venção é trágica que provém pela própria invenção do termo. Por volta de 1997, Tatiana Ramminger editou um vídeo sobre estratégias artísticas de intervenção psicológica no curso de psicologia da UNISINOS. Ela realizou a produção e a edição das imagens do “psicoarte”, que é uma prática presente no estágio de psicologia escolar, dentro da própria UNISINOS. A esse vídeo ela chamou genialmente de IN(TER)VENÇÃO. Qualifico essa criação de genial pelo fato de ela ter construído, no vídeo, a ideia de que não se pode mexer com os afetos dos psicólogos e sua institucionalidade usando velhos recursos; por isso a psicologia deve ser afetada pela arte.

¹⁴Jacques Rancière (2005, p.21), antes de falar da função emancipadora do mestre fala de maneira crítica do mito pedagógico e da necessidade da existência do explicador para romper o “mutismo da matéria ensinada” através de uma regressão ao infinito da explicação. “O que detém a regressão e concede ao sistema seu

reentrâncias do serviço instituído, e, paradoxalmente, a partir desses serviços de psicologia, abrem-se os poros para um agenciamento trágico onde “os afetos se modificam no estado de êxtase: dores despertam prazer; o pavor, alegria.” (NIETZSCHE, 2006, p.48). O próprio da in(ter)venção é agenciar deslocamentos das posições instituídas de tais linhas, assim como nas performances trágicas. “A ideia trágica é a do culto dionisiaco: a dissolução da individuação em uma outra ordem cósmica, a iniciação na crença na transcendência através dos terríveis meios geradores de pavor da existência.” (NIETZSCHE, 2006, p.49). Na situação de Lagoa Bonita do Sul impôs-se a necessidade de gerarmos um pavor da existência do que chamávamos de psicologia e contexto, pois se percebia uma distância abissal que as separa dos processos sociais necessários à prática.

Uma alternativa para criar condições de possibilidade de navegar e dissolver estas linhas a partir de bifurcações, ou em novas versões, é na máquina in(ter)venção.



Essa poderia ser uma imagem possível dessa máquina. O “ter” entre parêntese adquire uma função maquínica de minimização, ou até mesmo supressão, pois a intenção que seja visibilizada a ideia de invenção. A vida acontece no mar, nos espaços e tempos entre as linhas. Estes deslocamentos, supressões e adições de elementos concretos e simbólicos produzidos pela cifra traduzem, de certa forma, o que é possível fazermos com a docência, pesquisa e extensão.

Agora vejamos outra figura da cifra: O Prof. Dr. Eduardo Passos, na sua arguição na dissertação de Kreutz (2003), apresentou uma outra ideia que pode ser retirada da cifra/máquina:

fundamento é, simplesmente, que o explicador é o único juiz do ponto em que a explicação está, ela própria, explicada.”.



Como é possível visualizar na figura, há uma suspensão e, conseqüentemente, análise do verbo *ter*. E, nesse caso, o que vem a ser o verbo *ter*? O sentido sugerido é o de posse de regimes de saber/poder que carregamos na nossa história. Tudo que temos. Portanto quando abrimos mão das nossas posses, ou seja, desses regimes de verdades deixando o contexto falar e nos afetar, estaremos aí sim inventando. Estaremos cedendo espaço para a invenção diz Eduardo. É particularmente interessante nos jogarmos no campo da invenção. As posses são outras porque com a porosidade da *in(ter)venção* a nossa história de saber perde força para o inusitado, o devir. Não estaria aí o sentido trágico de dissolução do *principium individuationes*?

Mas para que a *in(ter)venção* seja um conceito, tal como sugere Deleuze e Guattari em “O que é a filosofia?” ela precisa ter componentes. Os componentes de *in(ter)venção* são: (a) obra de arte; (b) hibridez; (c) tragicidade; (d) irreversibilidade; (e) imprevisibilidade; (f) ética; (g) estética; (h) política.

A *in(ter)venção* funciona como uma obra de arte, porque intui a especificidade de uma arquitetura e efeitos artísticos no sistema em que se apresenta, conseqüentemente com a inventividade de quem no meio do sistema “entra”. Nesse caso, é quase como se quem se jogasse no campo da *in(ter)venção* se oferecesse como uma obra de arte. Esse alguém não precisa ser o pesquisador, o médico ou o “observador” do fenômeno. Pode ser um grupo, pode ser uma maquete, pode ser qualquer estado de coisas que irão produzir a *in(ter)venção*. Como falei no início a gente sempre entra no meio de algo. Ao mesmo tempo, uma *in(ter)venção* compõe-se como uma mistura única que apenas serve para um contexto, como os híbridos. Como é uma mistura e serve para um só contexto, seu destino é a morte trágica. Nunca mais terá o mesmo efeito porque morreu ali, no acontecimento. Portanto, uma *in(ter)venção* não se repete e pode ser *replicante*. Ela se glorifica quando dura no tempo e quando a dinâmica dos efeitos organizadores ou desintegradores do seu ato se torna evidente sendo capaz de mantê-la em pé. É, por fim, irreversível pois atua no tempo. Mas uma *in(ter)venção* não oferece garantia de mudança visível no seu ato, pois, muitas vezes, os efeitos são invisíveis e não obedecem a um tempo cronológico – onde se prevê os eventos

futuros através de instantes passados – e sim o tempo da duração¹⁵, que obedece ao funcionamento da vida, radicalmente distinto de sistemas artificiais em função da sua imprevisibilidade.

Ninguém contestará que o surgimento de uma espécie animal ou vegetal se deva a causas precisas. Mas é necessário entender por isso que, caso se viesse a conhecer depois em pormenores essas causas, se conseguiria explicar por elas a forma que se produziu: mas não poderia ser questão de prevê-la. (BERGSON, 1971, p.63)

Mesmo não podendo prever o efeito futuro de uma in(ter)venção, podemos cartografar seus vestígios a partir das novas formas subjetivas que se produziram. O duplo, ou triplo, etc. de in(ter)venção pode ser: (a) invenção; (b) ter invenção; (c) intervenção; (d) in(ter)ferência. Segundo AXT e KREUTZ (2003, p.338) há sempre incongruências e linhas de fuga na in(ter)venção. Nesse sentido

“São sempre novas intervenções ou in(ter)ferências: numa palavra inferências como origem no esforço compreensivo-interpretativo, este criando novas possibilidades, verdadeiras invenções da subjetividade implicada para fazer sentido da(s) realidade(s) em que está imersa, num processo contínuo de produção de condições de possibilidade para outros (e novos) sentidos, para outras (e novas) intervenções, para outras (e novas) avaliações-interpretações.”

Para o nosso propósito de pensar a construção da clínica no município de Lagoa Bonita do Sul o estudo do conceito já nos basta. Lembrando que, segundo DELEUZE (1997, p. 27-36), todo conceito (1) tem uma cifra; (2) tem componentes; (3) é ao menos duplo, ou triplo, etc.; (4) tem um contorno irregular, definido pela cifra de seus componentes; (5) remete a um problema; (6) tem uma história; (7) possui um *devoir*; (8) é um incorporeal, embora se encarne ou se efetue nos corpos; (9) não é discursivo, pois não encadeia proposições. Nós paramos em (3) e poderíamos ao menos discuti-lo até (9).

Mas como dar visibilidade adentrando, reentrando a partir de registros e lembranças de in(ter)venção em LBS num locus onde a memória parece não dar conta porque ela não se comporta muito bem com registro de sensações. Mesmo que consigamos ter memória de sensações, como traduzir isso para esta narrativa agora? Contarei uma história de um AT (Acompanhamento Terapêutico) que eu acompanhei na LBS que é uma das histórias mais incríveis sobre psicose que eu já presenciei e experimentei. Para construir essa in(ter)venção

¹⁵ Bergson (1971, p.44) afirma a vida como constantes mudanças de estados não previsíveis, pois não obedece à racionalidade de uma passagem de tempo cronológica. Obedecem antes ao tempo da duração que é assim definido pelo autor: “a nossa duração não é um instante que substitui outro instante: se assim fosse, jamais haveria presente. Não haveria prolongamento do passado no atual, não haveria evolução, nem duração concreta. A duração é o progresso contínuo do passado que rói o futuro e incha avançando.”

que irei narrar, fiz um projeto para aprovação da equipe de saúde. Vejamos o que eu escrevi para os gestores sobre a história da Família do “Arremangado”:

É importante ter em mente que o AT não é uma prática de modelagem de comportamento e sim de tratamento do sofrimento psíquico. Nesse caso o profissional não entra no mérito dos comportamentos produzidos pelo paciente. O profissional que faz o AT sabe que se confrontará com comportamentos chocantes e, talvez, nunca vistos. Nesses casos, modelar o comportamento, substituindo-o a um comportamento socialmente mais aceitável não significa a pessoa ficará mais saudável. No caso da psicose, todas as intervenções que desestruturam as rotinas, tudo que interfere na estrutura de funcionamento do paciente, pode ser fator estressante desencadeador de novos surtos. Nesse sentido o AT, antes de qualquer intervenção, deve oferecer segurança e a garantia de que não vai haver grandes mudanças. O AT deve acompanhar a “descompensação” do psicótico não para trazê-lo para a realidade, mas para entender quais as brechas que esse sintoma oferece no resgate da estabilidade perdida e esfacelada pela psicose. O delírio, a alucinação desencadeada no surto são caminhos oferecidos pelo paciente em relação a essa busca de territórios existenciais.

Aqui em Lagoa Bonita do Sul, a família de D.T (renda de R\$ 250,00, vulgo “Arremangado”, pois sua calça está uma perna arremangada e outra normal), esposo de J. S. T. com cinco filhos: M, R1, R2, C e A. É uma família que oferece todos os indicadores de uma família com funcionamento psicótico. A estrutura material e psíquica frágil no que diz respeito aos seus hábitos, utensílios, às suas rotinas e as relações intrafamiliares favorecem a desestruturação psíquica a ponto de ter um filho – R1 – em tratamento farmacológico por ter sido diagnosticado (provavelmente) como esquizofrênico paranóide¹⁶. Nesse caso o plano terapêutico tem pouco efeito se administrado só ao R1. É preciso pensar num acompanhamento em longo prazo que envolva um trabalho no funcionamento de toda a família.

A partir disso tive a autorização de iniciar um processo de AT que tomaria longas horas do meu trabalho em LBS. Dividirei aqui em dois cenários: (2.1) cenário intensivo da instauração da clínica-política; (2.2) cenário de diluição do caso na cena social de LBS.

2.1 CENÁRIO INTENSIVO DA INSTAURAÇÃO DA CLÍNICA-POLÍTICA

Antes de começar a visitar a Família do Arremangado, já escutava histórias de que a equipe dos funcionários da prefeitura, por muitas vezes foi hostilizada pela família e, em uma ocasião, inclusive fora recebida “a pedradas”.

19/05/03

O encontro do dia 19 não foi o primeiro feito à família dos Arremangados. Fui conhecer o R1 depois de receber alta do hospital. As informações que as equipes de assistência social e saúde haviam me passado eram de que R1 havia sido internado na ala psiquiátrica do Hospital Universitário de Santa Maria por duas vezes. Nestes episódios apresentara sintomas de delírio e alucinação provenientes

¹⁶ Concluo este diagnóstico pela descrição do seu delírio (enterrar o pai num buraco porque ele não traz dinheiro para dentro de casa) e pelas prováveis alucinações visuais (suas visões diabólicas do pai – nesse caso pode até ser uma ilusão). Também pelo tipo de medicação psiquiátrica neuroléptica com a qual ele estava sendo tratado.

de surto psicótico agudo e agressivo. Só que desta vez, ele não havia sido internado por motivos psiquiátricos, ao contrário, parecia que a medicação neuroléptica estava fazendo efeitos estabilizadores importantes¹⁷. A sua internação foi devido ao mau uso da medicação. A família orientou uma dose excessiva de medicação deixando-o “impregnado” de tal forma que, quando chegou ao posto de saúde do município, estava com os sinais vitais fracos.

Foi após esta internação que fui visitá-lo. Toda família estava mobilizada com a situação. D. só dizia “eu não sei o que fazer com esse guri”. A esposa não conseguiu deixar de trabalhar nas suas louças e seus baldes. Enquanto que a minha colega da assistência social conversava com a esposa – que reclamava seus direitos em relação aos patrões que teriam entrado na sua casa sem pedir licença e que não teriam pago de forma justa pelo trabalho – fui conhecer o R1. Ele estava paralisado, sentado na cama de casal onde dorme com sua mãe e seus irmãos menores. O pai dorme num canto da casa, o R2 noutra e M numa cama da sala. Cumprimentei-o em pé, disse que eu estava ali para ajudá-lo, perguntei se ele gostaria que eu o ajudasse. Ele respondia a todas as perguntas de forma monossilábica. Pedi permissão e sentei-me na cama, ao lado de R1. Entabulando uma conversa bem estruturante, pegando com segurança a sua mão e já sabendo que essa conversa seria com respostas monossilábicas, tentei convencê-lo a me acompanhar a um passeio.

“Não” era a resposta quando tocava no assunto do passeio. Após exaustivos argumentos sobre como era importante ele pegar sol e caminhar, resolvi mudar de estratégia. Tinha como objetivo dar-lhe território, fazer com que se sentisse seguro para deslocar-se por uma área maior do que sua cama. Perguntava se estava tudo bem e ele respondia que sim. Aí me desloquei, ainda sentado, até a ponta do colchão da cama e perguntei se ele não gostaria de ir até a ponta do colchão comigo. Ele foi. Depois me desloquei até a sala. Convidei-o a se deslocar até onde eu estava. Ele veio e na sequência me acompanhou num passeio. Pode-se perceber que a estratégia de territorialização é muito particular.

Há outro caso bastante preocupante na família. Trata-se do R2. Ele é um “Mogli” (menino lobo) que fica saltitando por entre as árvores. R2 é uma criatura que nunca se aproxima, olha de longe. Curioso, mas distante. Não tenho informações precisas dele nesse momento. Apenas que ele tem objetos só dele que ele nunca divide.

Passo a passo, consegui produzir uma aproximação. Tão intensos e detalhados quanto este relato são inúmeros outros relatos que compõem meu prontuário que contabiliza um volume de anotações de 14 páginas (Arial 12 espaço 1). Parece pouco, mas foram três anos acompanhando, sendo que semanalmente por um período de quatro meses. O estilo dos relatos é mais ou menos esse. Cada encontro um embate. Cada encontro a construção de um processo de resistir à fábrica de interiores.

¹⁷ Sobre o histórico farmacológico, segundo a médica do posto, R1 tomava anticonvulsivante desde criança. Não sabe exatamente por que motivo havia sido receitado Gardenal, mas renovava-se a receita sistematicamente no posto de Lagoa Bonita do Sul. Antes da sua última internação usava uma série combinada de medicamentos neurolépticos. A saber: Haldol 5 mg (1/2 cp ao dia); Biperideno 2 mg (1/2 cp ao dia); Clorpromazina 100 mg (1/2 cp à noite); Rivotril gotas (10 gotas à noite). Teve duas internações no HUSM (dias 24/02 e 19/03 de 2003), sendo tratado pela Dra. X nas suas duas internações. Entre uma internação e outra o Dr. Y de Lagoa Bonita do Sul, renovou sua receita. Após a sua última alta, R1 parou com a medicação psiquiátrica e fez um tratamento com Sulfa Metoxazol + Trim e Buscopam Composto se tivesse dor. Como faltou Buscopan na farmácia, fez tratamento apenas com Sulfa.

Por outro lado, na medida em que a família ia se “humanizando” a prole de animais ia aumentando. O gato “bichinho” dá cria e passa compor o leito ocupado pela esposa, dois filhos pequenos e R1. E o “campeão”, o cachorro, um vira lata feroz que não deixa ninguém chegar perto, sempre que me vê chegar é contido por alguém da família, mas não impede que a cada vez meu coração saia pela boca. Humanidade e animalidade sempre ensinam o psicólogo rural e o serviço de psicologia em Lagoa Bonita do Sul.

Animalidade, que na medida em que dura um passado inteiro passando naquele presente, é capturada pela docilidade dos corpos na medida em que as duas crianças mais novas vão para a escola. A história da escola na família é narrada pela esposa com história de pedradas da professora aos “guris” e deles machucados caídos na valeta da beira de estrada. Ela fala como se estivesse recitando. Entoa a fala como se estivesse assoviando, uivando com fala fina devir-animal. A solução para tudo sempre era a reclusão dentro da casa. A casa e os objetos têm uma função fundamental na estruturação da desracionalizada família dos Arremangados. R2 não deixa ninguém tocar nos objetos que ele confecciona. Só quando autoriza. Sua bola de meia, por exemplo, passou a ser por muito tempo o atrator que reunia os irmãos em torno da brincadeira. R2, o menino lobo, constrói mundos inusitados que nunca consegui acessar a não ser a partir dos objetos. Logo adiante pensarei sobre R2.

Mas antes disso, nos fixemos no analisador casa. Talvez este tenha sido um dos analisadores mais potentes para pensarmos a clínica, a in(ter)venção e ideias de resistência à fábrica de interiores que carregamos na genética de ser psicólogos.

Perguntei a R1 sobre sua alimentação, aí a sua mãe disse: “Ele gosta do pão que o marido traz da bodega. O meu pão ele não come.” Depois disso pedi para a C. trazer seu caderno para fazermos um desenho. A ideia era aproximar todos ao meu redor. Com certa resistência ela trouxe sua mochila toda suja e seu caderno sujo, seu estojo com alguns tocos de lápis de cor e um pedaço de caneta para me mostrar. Descobri na última folha do caderno um desenho de C. Era uma casa com uma árvore. Nesse meio tempo o A. me trouxe um lápis para eu começar a desenhar. Fiquei sentado na cama do M. – direto no lastro, pois o colchão estava dobrado – e comecei a desenhar com o lápis que A. me alcançou. Fiz um desenho em perspectiva de um canto da casa onde havia pendurado um chapéu e um guarda-chuva. Desenhei ainda a prateleira com os utensílios, o pé direito e a janela onde ao longe se via as árvores e o céu. Faltavam as cores para pintar, improvisamos um azul com a caneta que o M. nos emprestara e as outras cores ficaram estranhas mesmo. As crianças me corrigiam, acrescentavam elementos e sugeriam mudanças no desenho o tempo todo. Chegamos a um resultado, mostramos a todos e guardamos as coisas. Senti muita vontade de lavar a mochila cor de rosa da C. e lhe dar um caderno novo e um estojo completo.

Nesse meio tempo vi movimentações do R1 com as panelas no fogão a lenha. Lavou uma pequena panela que estava suja, encheu de água, pegou um punhado de massa e na água fria mesmo começou a esquentar. Quando estava indo embora, fui dar uma olhadinha na massa do R1 que já estava bem mole e continuava fervendo. Achei importante esse movimento do R1 para se alimentar, pois a família insistia em dizer que ele não sentia fome e estava se alimentando mal. Inclusive este foi um dos motivos da sua internação clínica. Antes de me despedir fui ver o barulho

que R2 estava fazendo. Como de praxe, ele estava no seu quartinho, jogando sua bola de meia verde contra a parede. Pedi que ele me mostrasse a bola e ele, sorrindo me mostrou.

Por muito tempo ficamos construindo com a família uma ideia de ter uma casa própria. Fizemos oficinas de desenhos de casas dos mais variados tipos e tamanhos com as crianças. Discutimos no sindicato sobre a possibilidade de eles entrarem numa linha de financiamento federal destinado ao MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores). Por fim em audiência com o prefeito, a equipe conseguiu que fosse construída uma casa na propriedade do novo patrão dos Arremangados.

Na verdade eles chamam “Varanda” o estilo de casa rústica que iriam construir para a família dos Arremangados. Uma casa de madeira parede simples, mas que respeitou o desenho construído pela família. Vários funcionários da prefeitura que não eram do setor de obras ajudaram a construir a casa. Eu mesmo num belo dia, me “fardei” de trabalhador braçal e botei a mão numa motosserra para cortar uns palanques que iriam servir de vigas para a casa dos Arremangados. Quando todos ajudam, lá se diz que farão um “pixurum” que em tupi se enuncia “pixurín”. Trata-se de um termo regional do Rio Grande do Sul que significa “muxirão” ou “mutirão” – quando as pessoas se juntam para fazer o trabalho de um só. Ao final as mulheres preparam um caldeirão de arroz com galinha e todos celebram a obra construída com comida. O argumento para convencer o poder público acerca da construção da casa não se orientava pela racionalidade assistencial, nem habitacional. O argumento é que, baseado no plano de intervenção e na organização do quadro psicótico dos beneficiários, construir uma casa seria o equivalente a uma intervenção em saúde. Temos um argumento clínico-político.

Mas o processo que veio a seguir foi muito desconcertante para equipe. Mesmo a casa tendo quartos, cozinha, enfim cômodos para todos conseguirem se acomodar. O marido e seu saco de estopa foram parar ao lado do fogão a lenha, a esposa, os filhos pequenos, R1 e 12 gatos foram se acomodar na cama de casal. M e R2 se estruturaram tal qual era no velho galpão em que moravam.

Para que uma casa se a casa da errância estava dentro deles? Não importa a estrutura física os agrupamentos nos espaços são o que de fato estrutura esta família. Apegados ao conceito de reabilitação psicossocial no contexto dessa família, aliado aos cuidados para que preservássemos a singularidade com extremo cuidado na compreensão da continência no processo da psicose, ainda assim, há espaço para uma surpresa, um arrebatamento que

desestabiliza a equipe, o serviço e nos faz repensar tudo. Pensamento constrangido onde as faculdades não concordam com o objeto.

2.2 CENÁRIO DE DILUIÇÃO DO CASO NA CENA SOCIAL DE LAGOA BONITA DO SUL

Ainda sem compreender muito bem essa estruturação, diminuí bastante minhas visitas aos Arremangados quando a equipe de saúde entendeu que a situação de sofrimento psíquico estava amparada pelo processo de reabilitação psicossocial construído partir da unidade básica e da própria comunidade. Sabe aquela sensação de que a vida continua e a loucura dos Arremangados passou a ser administrada pela própria comunidade? Foi isso que aconteceu. A comunidade fazia o AT dos Arremangado.

Já houve outras épocas históricas em que a tendência não consistia em institucionalizar os loucos em hospitais psiquiátricos especializados; consistia, isso sim, em oferecer-lhes “serviços substitutivos” próprios ao contexto da época. Nesse sentido, as semelhanças entre o que o jogo de forças visíveis e invisíveis – que acontecem na contemporaneidade – não é mera coincidência, se entender a história como arena de forças. Forças estas que, mesmo tendendo numa direção, sempre são atravessadas por outras que podem mudar a história e que podem conferir à história outro olhar.

Em Michel Foucault (1975, p.53-54), o autor nos apresenta um viés da história da loucura plenamente incorporada no mundo da criatividade e da rebeldia gótica do século XV. O trecho que vou citar da pesquisa de Foucault – do livro “Doença Mental e Psicologia” – me deixa atônito, pois vejo aí a proveniência de uma tecnologia de saber em saúde mental que encontra na loucura, além do sofrimento, a criatividade. Enquanto a história oficial só nos ensinou a cuidar do louco como doente e não como sujeito criativo, Foucault traz à tona uma história criativa e poética dos loucos, colocando-nos o compromisso de intervir nessa forma singular do psicótico se subjetivar. Vou colocar todos os dados sobre as manifestações culturais e artísticas do trecho. Embora isso torne a citação bem longa, penso que seja inspiradora para entendermos a construção de um saber diferenciado, criativo e explosivo no que diz respeito à fábrica de interiores em saúde mental:

De fato antes do século XIX, a experiência da loucura no mundo ocidental era bastante polimorfa; e sua confiscação na nossa época no conceito de “doença” não deve iludir-nos a respeito de sua exuberância originária. (...)De todos os lados, a loucura tinha uma grande extensão, mas sem suporte médico.

Esta extensão, entretanto, não provém de medidas estáveis; varia com as épocas, pelo menos em suas dimensões visíveis: ora permanece implícita e como à tona,

ou, ao contrário aparece, emerge largamente e integra-se sem dificuldade a toda a paisagem cultural. O fim do século XV é certamente uma destas épocas em que a loucura renova-se com os poderes essenciais da linguagem. As últimas manifestações da idade gótica foram, alternadamente e num movimento contínuo, dominadas pelo pavor da morte e da loucura. A dança **Macabra** representada no cemitério dos Inocentes, ao Triunfo da Morte cantado nos muros do Campo Santo de Pisa, sucedem inumeráveis danças e festas dos Loucos que a Europa celebrará de tão bom grado durante todo o Renascimento. Há as festas populares em torno dos espetáculos dados pelas “associações de loucos”, como o **Navio Azul** em Flandres; há toda uma iconografia que vai da **Nave dos Loucos** de Bosch, a Bruegel e a **Margot Louca**; há também os textos sábios, as obras de filosofia ou crítica moral, como a *Stultifera Navis* de Brandt ou *Elogio da loucura* de Erasmo. Haverá, finalmente, toda a literatura da loucura: as cenas de demência no teatro elisabetano e no teatro francês pré-clássico participam da arquitetura dramática, como os sonhos e, um pouco mais tarde, as cenas de confissão: elas conduzem o drama da ilusão à verdade, da falsa solução ao verdadeiro desfecho. São uma das molas essenciais deste teatro barroco, como certos romances que lhe são contemporâneos: as grandes aventuras das narrativas de cavalaria tornam-se voluntariamente as extravagâncias de espíritos que não mais dominam suas quimeras. Shakespeare e Cervantes no fim do Renascimento são testemunhas do grande prestígio desta loucura cujo reinado próximo tinha sido anunciado, cem anos antes, por Brandt e Bosch.

Isso não quer dizer que o Renascimento não cuidou dos loucos. Pelo contrário, foi no século XV que se viu abrirem na Espanha inicialmente (em Saragossa), e depois na Itália, os primeiros estabelecimentos reservados aos loucos. São aí submetidos a um tratamento, sem dúvida, em grande parte inspirado na medicina árabe. Mas estas práticas são localizadas. A loucura é no essencial experimentada em estado livre, ou seja, ela circula, faz parte do cenário e da linguagem comuns, é para cada um uma experiência cotidiana que se procura mais exaltar do que dominar. Há na França, no começo do século XVII, loucos célebres com os quais o público, e o público culto, gosta de se divertir; alguns como Bluet d’Arbère escrevem livros que são publicados e lidos como obras da loucura. Até cerca de 1650, a cultura ocidental foi estranhamente hospitaleira a estas formas de experiência”.

Ao final de 2006 fui visitar novamente a família dos Arremangado:

R2 tem construído por entre as árvores um fantástico labirinto de caminhos. Caminhos estes cuidadosamente limpos e de fácil trânsito. C nos diz sorridente “ele gosta de construir estradas”. Outra obra incrível é o seu mini-galpão de fumo com todos os outros utensílios. Ele construiu em madeira e gravetos cuidadosamente cortados e empilhados um “mini-galpão” (parece uma casa de cachorro comprida e com tramela por dentro, onde ele entra e se esconde), no lado de fora do mini-galpão ele tem “mini-andaimes” de fumo, cuidadosamente tramados com cipó e onde tem pendurado seu “fumo de mato” (assim nominado pela C). Ao lado deste mini-andaime há empilhadas carreiras de “mini-lenha”. São centenas de gravetos cortados rigorosamente do mesmo tamanho e empilhados. Outra obra da “agricultura” de Rafael, no lado oposto do seu galpão são suas “mini-lavouras”, cuidadosamente cercadas de taquaras tramadas com retalhos de roupas. As lavouras são tão bem cercadas que só tem acesso por dentro do seu “mini-galpão”. Nestas mini-lavouras ele tem plantado alguns pés de feijão, de aipim, de morangas, tomates. Toda esta variedade com poucas mudas de forma que ele pode dar-lhes atenção uma a uma. Tem construído por cima da sua mini-lavoura uma espécie de estufa feita de plásticos transparentes costurados uns nos outros e armados entre as divisórias feitas pelas taquaras. Enfim R2 tem uma obra arquitetônica digna dos arquitetos pós-modernos no quintal da casa dos Arremangado.

Clínica aqui é acompanhar a vida e os caminhos que ela transforma o território da cidade e também o nosso território existencial.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poderia contar muitas outras histórias de resistência à fábrica de interiores em Lagoa Bonita do Sul tendo claro que o serviço de psicologia muitas vezes foi o maior chefe da linha de produção dessa fábrica e outras vezes ele foi o operário grevista e também outras tantas vezes ele foi o anarquista ou guerrilheiro que quis quebrar com tudo. Mas no campo de batalha existem afetações que, justamente por durarem, o passado inteiro se concentra nelas e nem sempre conseguimos enunciar. Tem outro caso de AT, por exemplo, de um homem... bonito homem com penetrantes olhos azuis e um metro e noventa de altura... por volta de 70 anos. Chegamos até ele porque na delegacia de um município da região tinha nos encaminhado a cópia de um boletim de ocorrência dizendo que ele tinha agredido o magistrado da cidade com socos. Quando fomos conversar com ele, depois de acalmá-lo, ele disse que tinha ido pedir a ajuda para o magistrado para que a autoridade ajudasse a proteger as sete cidades da região centro-serra, pois a terceira guerra estava chegando. Ele já tinha, inclusive, peregrinado por todas as igrejas destas cidades para pegar água benta. Estava muito agitado. Disse para ele que seria um guerreiro ao seu lado e que o ajudaria a vencer sua guerra. Ao nos colocarmos ao seu lado (eu estava junto com a médica e a enfermeira) o levamos para a Unidade Básica, sedamos e chamamos os familiares. Todos concordaram em interná-lo como já havia ocorrido outras vezes. A região de referência de Lagoa Bonita do Sul é Pelotas (386 km de distância). Era verão. Com muito esforço da equipe conseguimos uma internação dele no Hospital Espírita em Pelotas. Durante os 386 km da viagem, passando por crateras no asfalto semelhantes a bombas provindas da terceira guerra mundial, pois a estrada estava muito mal conservada e depois de ajudá-lo a abençoar e salvar todas as “criancinhas inocentes de todas as cidades” (sic) até chegarmos a Pelotas, conseguimos enfim interná-lo. Um mês se passou, eu e a equipe fizemos AT duas vezes por semana com a família deste homem para prepararmos a sua volta, seu espaço, seu mundo, sua relação com a comunidade. Ele enfim voltou: vinte quilos mais magro, desfigurado, com escaras nos calcanhares... pouco tempo depois veio a óbito. O que o serviço de psicologia e a rede de saúde fizeram com esse homem?

Esta é a cadência da narrativa. Sempre sobre as dores e delícias de sermos o que somos. É o limiar, a geografia, a fronteira entre o urbano e o rural que habita em mim. Há

uma similaridade entre “limiar” e “fronteira”. No plano psicossocial de Lagoa Bonita do Sul habitamos limiaries/fronteiras invisibilizados e ensurdecidos na sua potência, zonas de experiência intensiva tanto de matérias de expressão como modos de vida tal como sugere a proposta da construção do serviço de psicologia: o serviço e a in(ter)venção são a própria plantadeira de milho fazendo a função de percussão. Para que nossos sentidos estejam abertos a esta experiência, proponho uma imagem que nos inspire a continuidade da reflexão. Trata-se do filme “A linha imaginária: Um documentário sobre a fronteira Brasil-Uruguay” realizado por Moviola Filmes e dirigidos por Cíntia Langie e Rafael Andreazza. Em dado momento um dos entrevistados do documentário nos relata o seguinte:

"Bom, o que é a fronteira? É o lugar onde as águas se mesclam... a água do mar com a água doce e cria esta zona onde crescem... um estuário, onde crescem coisas que não crescem nem na água salgada nem na água doce. Estamos citando a Carmen Galusso que um dia falou da fronteira como um estuário e aqui está a coisa misturada onde brotam e crescem espécies que não crescem nos outros lados... nós somos estas espécies" (sic).

Misturas que são puras experimentações inventivas, in(ter)venções limiaries, diálogos intercessores amigos de outros conceitos. Penso que amizades ao limiar se dão muito em aproximações das perspectivas teóricas que discutem transdisciplinariedade, a qual, conforme Passos & Barros, (2000, p.77) referem como sendo rupturas disciplinares nomadizando suas fronteiras para torná-las instáveis. “Caotizar os campos, desestabilizando-os ao ponto de fazer deles planos de criação de outros objetos-sujeitos” que ultrapassam as disciplinas em relação a novos saberes.

REFERÊNCIAS

- AXT, M.; KREUTZ, J. R. Sala de Aula em Rede: de quando a autoria se (des)dobra em in(ter)venção. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. (org). **Cartografias e Devires: A Construção do Presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p.319-341.
- BAPTISTA, L. A. **A Cidade dos Sábios**. São Paulo: Summus, 1999.
- BERGSON, H. **A Evolução Criadora**. Rio de Janeiro: Ed. Opera Mundi, 1971.
- DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. V. 3.
- FOUCAULT, M. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1975.
- KREUTZ, J. R. **Resisitir, problematizar e experimentar como desdobramentos do aprender**. Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) *Ano de Obtenção do título: 2009*.
- LANGIE, C.; ANDREAZZA, R. **A linha imaginária: Um documentário sobre a fronteira Brasil-Uruguay**. Pelotas: Moviola Filmes, 2014.
- NIETZSCHE, F. **Introdução à Tragédia de Sófocles**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. de. A construção do Plano da Clínica e o conceito de Transdisciplinaridade. In: **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 16, 2000, n. 1, p. 71-79.
- RANCIÈRE, J. **O mestre Ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do Desejo**. Porto Alegre: Ed. Sulina; Ed. UFRGS, 2006.